

Desbloquear a carreira é desbloquear a vida

“Enfrascou-se tanto na sua leitura que passava as noites lendo de claro em claro, e os dias de turvo em turvo; e assim, do pouco dormir e do muito ler, secou-se-lhe o cérebro, de maneira que veio a perder o juízo.”

Miguel de Cervantes, Dom Quixote de la Mancha

Chamado *burnout* é um fenómeno e uma anomalia das sociedades que vivem a grande velocidade. Com o *burnout* ficamos progressivamente comprimidos, quando não a comprimidos. No ensino superior e na ciência, o sentimento de nos sentirmos espremidos e incapazes de dar conta das solicitações em tempo útil é mais uma regra que uma exceção. Mas se há razões subjetivas que justificam o *burnout* na Academia, seria incauto não localizar nas estruturas de organização e de funcionamento as razões para uma particular incidência do fenómeno nas profissões académicas.

Por exemplo, é inegável que a precarização dos contratos ou o estacionamento demorado nas categorias mais baixas das carreiras está a tornar a vida académica incompatível com a vida familiar. O sentimento que para se ser bom académico e bom cientista significa não se poder ser mais nada é uma certeza que tomou conta de quem anda nisto. A chamada exclusividade afere, hoje, menos a forma de dedicação à profissão e mais o grau de exclusão das outras dimensões da vida. Estamos muito para além dela. No som das palavras, exclusividade entoa exclusão e idade.

As expectativas elevadas que as carreiras geram e a muito difícil concretização das mesmas criou uma situação em que, quando se chega, se está a chegar cada vez mais tarde (com mais idade), pagando-se, apenas para manter acesa a chama da expectativa e pouco mais que isso, o preço da exclusão, quando não da secagem do cérebro.

Perversão, usurpação, exploração e anestesia são os eixos de um guião que Jorge Olímpio Bento nos deixa para delimitarmos as razões objetivas do que traz o *burnout* e outras anomalias conexas que grassam na Academia. Paulo Ferreira da Cunha convida-nos a pensar criticamente a docência e a pesquisa. Maneiras, honestidade, inteligência e cultura e instrução são vetores sob ameaça contundente. Agrava-se o cenário quando a Academia se torna um palco de abusos tolerados e silenciados por quem mais manda. Abusos que ocorrem em claro e assumido desrespeito pela legalidade e que levam António Cândido Oliveira a reivindicar uma Associação para a Transparência Universitária. Transparência que, frequentemente, como mostramos na secção jurídica, só de forma enérgica e por recurso à via judicial se consegue alcançar. E que tantas vezes colocam os sindicalistas perante as situações de ameaças de que nos fala Gonçalo Bandeira. Com Ivo Gonçalves somos levados a repensar de um modo mais crítico o regime fundacional, discutindo e distinguindo aquilo que no modelo são formas de privatização e formas de fragmentação. A docência aparece, alegoricamente, retratada em mais um episódio do folhetim que publicamos regularmente e, estatisticamente, na infografia que publicamos.

Celebramos neste número da Ensino Superior – Revista do SNESup o regresso do ajuste remuneratório devido pela obtenção do título de agregado; um processo demorado e intenso que só se compreende no contexto de perversão, usurpação, exploração e anestesia, a que aludimos em cima. •



PAULO PEIXOTO

PAULO.PEIXOTO@SNESUP.PT